

Aula de música no ensino médio: uma revisão da literatura

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Robson Ribeiro

IFPE – robson.ribeiro@gmail.com

Resumo: Este texto apresenta uma revisão da literatura que trata da aula de música no ensino médio. As considerações aqui desenvolvidas fazem parte de uma pesquisa mais ampla, um estudo multicaso cujo objetivo foi conhecer concepções e práticas curriculares de professores do ensino médio integrado. A coleta de dados para a investigação foi feita através de entrevistas semiestruturadas, observação não participante de aulas e recolha de documentos pertinentes aos casos. A pesquisa foi amparada por conceitos da sociologia e das teorias do currículo (*habitus*, táticas, cotidiano, currículo em rede).

Palavras-chave: Aula de Música. Ensino Médio. Revisão de Literatura.

Music Class in High School: A Literature Review

Abstract: This text presents a review of the literature concerning music classes in high school. These considerations are a part of a larger research, a multicase study that aimed to know curricular conceptions and practices of music teachers working in technical degree courses integrated with high school. Data for the research was collected through semi-structured interviews, non-participant observation of classes and gathering of documents pertinent to the cases. Concepts from sociological and curricular theories support the study (*habitus*, tactics, everyday life, net curriculum).

Keywords: Music Class. High School. Literature Review.

1. Introdução

É possível encontrar um número expressivo de textos na literatura acadêmica brasileira que, de algum modo, abordam a música no ensino médio. No entanto, mesmo uma leitura superficial dos títulos desses trabalhos permite observar que a maioria deles reflete uma tendência, apontada por Gifford (1988 apud MACHADO, 2003, p. 91) já na década de 1980, de associar a música a outras disciplinas numa relação utilitária em que a música sempre está a serviço do ensino e aprendizagem dos conteúdos da outra disciplina.

Duas advertências devem ser feitas sobre essa literatura. A primeira é que trabalhos dessa natureza não são estudos na área de Educação Musical. Ao eleger a música como um recurso didático para a prática pedagógica em suas próprias áreas, nenhum desses autores tem o objetivo de investigar o ensino e aprendizagem de música. O foco sempre é o ensino e aprendizagem de línguas, matemática, geografia, química, etc. A música acaba se tornando apenas uma “ferramenta de apoio para o desenvolvimento de outras disciplinas” (SOUZA et al., 2002, p. 64). Estreitamente ligada a essa filosofia utilitarista, a segunda

advertência é que, em alguns casos, esses textos apresentam uma visão sobre o papel da música na escola que não é a mesma que tem sido defendida pela área da Educação Musical, considerando a música como um meio para atingir objetivos alheios à própria linguagem musical e seus conteúdos específicos. Um exemplo disso aparece na seguinte afirmação, retirada de um texto sobre o uso da música como meio para a aprendizagem da matemática: “no contexto escolar, a música tem a finalidade de ampliar e facilitar a aprendizagem do aluno, pois ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida” (CAVALCANTI; LINS, 2010, p. 364).

Deixando de lado essa literatura utilitária, verificamos que a literatura sobre a interação entre jovens e músicas é bastante ampla, segundo Arroyo (2013, p. 7), e as discussões nesse campo são feitas, em geral, a partir de perspectivas sociológicas ou antropológicas. No entanto, Penna (2003, p. 16) e Del-Ben (2012, p. 40) afirmam que a literatura específica que trata da interação que ocorre entre os jovens e as músicas no ambiente escolar, especificamente no ensino médio, é escassa. Esta carência de produção acadêmica sobre a música no ensino médio aparece em pesquisa anterior de Arroyo (2009), que localizou 11 trabalhos – dissertações e teses – articulando as temáticas juventudes, músicas e escolas, dos quais apenas seis tratam do ensino médio. E, dentre estes seis, somente dois focalizam a aula de música na escola.

Em trabalho mais recente, Arroyo (2013) oferece um guia bibliográfico sobre o tema dos jovens e suas interações com as músicas, ampliando o escopo das publicações analisadas para abarcar também a produção internacional. Todos os estudos analisados no artigo de 2009 aparecem também no guia bibliográfico de 2013. Excluindo os trabalhos estrangeiros, localizamos neste guia bibliográfico 12 referências que, de alguma maneira, tratam dos jovens no ensino médio, mas somente quatro deles tomam como objeto de análise a aula de música que acontece na escola. Os demais tratam de temas como atividades musicais extraclasse (dentro da escola), atividades musicais dos jovens fora da escola, música e identidade juvenil, dentre vários outros.

Como esse texto foi produzido no contexto de uma investigação sobre o currículo da aula de música que acontece no ensino médio, o nosso interesse foi revisar a literatura relacionada à música nessa etapa da escolarização, mas focando nos estudos que buscam conhecer a especificidade do conhecimento que é produzido na aula de música. Nesse sentido, concordamos com Santos (2015, p. 34), quando afirma que “sabemos, por conta das inúmeras pesquisas, que se aprende música em contextos os mais diversos, mas também sabemos que na escola existe um modo de ensinar/aprender que é peculiar da aula de música como

componente obrigatório”. No entanto, devido aos limites desta comunicação, optamos por deixar de fora a literatura voltada aos relatos de experiência – alguns muito interessantes, sem dúvida – e tratar apenas daqueles trabalhos que apresentam resultados de pesquisa. Assim, o texto que segue aborda os quatro estudos mencionados por Arroyo (2013) que tomam como objeto a aula de música que acontece no ensino médio (WILLE, 2005; ROSSI, 2006; PAULA, 2007; SANTOS, 2012). A esses quatro trabalhos, acrescentamos o de Penna e Santos (2003) e o de Santos (2015), não mencionados por Arroyo (2013).

2. Pesquisas sobre a aula de música no ensino médio

Tanto o caráter quantitativo quanto o qualitativo estão presentes no estudo de Penna e Santos (2003), resultado da confluência de dados empíricos oriundos de duas pesquisas de campo distintas, usados na confecção do texto. Uma das pesquisas foi um levantamento que mapeou as condições do ensino de Arte nas escolas públicas da Grande João Pessoa, à época da coleta de dados, e a outra, de cunho mais qualitativo, baseou-se em entrevistas semiestruturadas e observações de aulas de 12 professores do ensino médio. Portanto, encontramos nesse trabalho tanto uma descrição do perfil dos professores de Arte que atuavam no ensino médio da rede estadual instalada nos municípios pesquisados (a região metropolitana de João Pessoa), quanto uma caracterização das práticas pedagógicas desenvolvidas por alguns desses professores em suas aulas de Arte.

O estudo revela alguns fatos interessantes, como a alta incidência de professores de Arte com formação específica atuando no ensino médio (84% dos professores eram formados ou estavam cursando a Licenciatura em Educação Artística). Tal fato, segundo as autoras, contraria os discursos correntes baseados em visões de senso comum, nos quais se costuma tributar “os problemas do ensino na área à atuação de professores sem formação” (PENNA; SANTOS, 2003, p. 27). Contudo, apesar da presença significativa de professores com formação específica nas escolas investigadas, as autoras também revelam a “situação lastimável em que se encontra o ensino público, situação esta que acreditamos que se agudiza no ensino médio” (p. 30). Tal situação não tem explicação única, mas decorre de uma diversidade de fatores, alguns apontados no texto:

Certamente, esta falta de regularidade das aulas semanais de Arte, com uma carga horária já reduzida, torna bastante difícil – ou mesmo impossível – um processo pedagógico com progressão, que realmente promova o desenvolvimento do aluno. No entanto, outros fatores também influem para que as aulas de Arte poucas vezes consigam ser significativas e enriquecedoras, como o fato de que parece não haver conteúdos e práticas consensuais para a área. (PENNA; SANTOS, 2003, p. 31)

As preocupações de Wille (2005) e Rossi (2006) possuem um ponto de interseção: estas autoras investigaram as relações que existem entre as aulas de música do ensino médio e outras vivências musicais dos jovens. Para Wille (2005), as outras vivências estavam representadas em processos de aprendizagem não formal ou informal de música fora da escola, enquanto Rossi (2006) tomou como outras vivências as atividades extracurriculares feitas na própria escola onde os jovens têm, paralelamente, aulas de música. Nas duas pesquisas, percebemos que os resultados apontam na direção de que a presença da música no currículo do ensino médio tem pouco impacto nas interações dos jovens com as músicas. Isto ocorre porque o currículo estabelecido na escola apresenta pouca – ou até dificulta a – conexão com as necessidades musicais dos jovens manifestadas através de suas vivências cotidianas (WILLE, 2005), ou porque a música aparece com pouca frequência nos conteúdos de Arte trabalhados na escola (ROSSI, 2006), impossibilitando a construção significativa de conhecimentos.

Para compreender as relações entre o currículo das aulas de música e as vivências musicais fora da escola, Wille (2005, p. 46) realizou um estudo multicaso com três adolescentes que tinham aula de música no ensino médio e, na mesma época, participavam de grupos musicais fora da escola. Esta autora afirma: “ao observar a importância dada pelos três adolescentes às suas vivências e experiências não formais e informais foi possível perceber que suas aprendizagens musicais [nessas vivências e experiências] eram praticamente independentes do trabalho escolar”. Assim, os conteúdos musicais que a escola tentava transmitir, e que poderiam ser utilizados pelos alunos na resolução de problemas na sua vida cotidiana, acabavam por se transformar em “adereço de uso escolar, utilizável para a realização de provas e trabalhos, apenas com o intuito de obter uma nota ou conceito” (WILLE, 2005, p. 47).

Na pesquisa realizada por Rossi (2006), o fato de conteúdos musicais aparecerem pouco nas aulas de Arte do ensino médio das escolas investigadas é consequência da formação dos professores, em sua maioria ligados às artes plásticas. A pesquisadora chega a afirmar que a presença de conteúdos de música, teatro e dança era tão insignificante, nessas escolas, que “a aula de Artes passa a ser praticamente sinônimo de aula de artes plásticas” (p. 88). As propostas musicais extracurriculares, por sua vez, tinham como característica “a eventualidade ou efemeridade das atividades” (p. 107), as quais “dificilmente perduram por mais que um ano” (p. 112) e, além disso, eram “independentes da aula de Artes” (p.112). Dentre os vários motivos que explicam a pouca duração dessas atividades, a autora destaca

que elas geralmente eram iniciativas individuais e que, mesmo quando consideradas importantes e significativas, não eram encampadas pela escola (p. 110).

O que motivou a investigação realizada por Paula (2007, p. 5) foi a contradição que existe entre a presença marcante da música na vida dos jovens, por uma lado, e “as dificuldades do ensino de uma área do conhecimento (Música) na Escola Pública”, por outro. Percebemos nessa preocupação do pesquisador uma aproximação com a mesma temática estudada por Wille (2005) e Rossi (2006), que é conhecer a relação entre a música que é estudada na escola e a que é vivenciada em outros contextos. No entanto, Paula não elege nenhum contexto particular para contrapor ao currículo escolar de música, como fizeram Wille e Rossi. Para este autor, as músicas vivenciadas nos contextos nos quais os jovens transitam permanecem como um pano de fundo que, se não podem determinar o currículo escolar por completo, também não deveriam jamais ser ignoradas pelos professores:

Para se pensar uma educação musical para o jovem [...] como um sujeito histórico e social, deve-se ter em vista algumas características importantes para compreender o cotidiano musical ao [sic] qual este jovem está inserido bem como as formas de organização, concepções e métodos de ensino presentes nos colégios. (PAULA, 2007, p. 5)

A partir desse pressuposto, o autor realiza uma investigação com o objetivo de compreender o “atual estágio do ensino de música nas escolas públicas de Ensino Médio no Município de Curitiba” (PAULA, 2007, p. 4). Mais especificamente, a pesquisa visa a “compreensão do cotidiano e das práticas escolares do ensino de música nas escolas públicas” (p. 5). Entre os achados da pesquisa, encontramos:

- a) a presença de concepções aparentemente antagônicas, sustentadas por professores, como quando “consideram o ato de fazer música um dom e ao mesmo tempo, contrariando esta opinião, demonstram que para eles não é necessária esta habilidade inata para aprender música, sendo acessível a todos que se interessarem em aprender” (p. 64);
- b) a predominância do ensino de “História da Arte em Artes Visuais”, nas aulas de Arte (p. 73);
- c) o reconhecimento, por parte dos professores, de que os estudantes têm uma preferência musical mais diversificada do que a dos próprios professores e, além disso, geralmente os adolescentes costumam se ligar a gêneros e estilos musicais que não são os da preferência dos professores (p. 81-82);
- d) a marca da desigualdade na oferta do ensino de música na rede pública, evidenciada pela fato de que,

Enquanto os colégios centrais mais disputados pela classe média conseguem ofertar o ensino de música, em dois colégios com estrutura disponibilizada pela mantenedora e em outros três por iniciativa da comunidade escolar, a maioria dos colégios do município de Curitiba e que atendem a classe de baixa renda não dispõem destas condições, frustrando os alunos que provavelmente só têm a escola como possibilidade de acesso a este conhecimento. (PAULA, 2007, p. 92)

Buscando compreender as concepções e expectativas dos jovens em relação à aula de música da escola, na perspectiva da relação com o saber de Bernard Charlot, Santos (2012) estabeleceu grupos de discussão com estudantes do ensino médio. Durante essa investigação, que constituiu sua pesquisa de mestrado, a autora descobriu, entre outras coisas, “que a aula de música é um espaço de aprendizagens em música e que nele podem acontecer aprendizagens diferentes daquelas dos seus [dos alunos] cotidianos”, indicando que “a música na escola tem um papel específico, que envolve a aprendizagem de conteúdos específicos” (SANTOS, 2012, p. 91). Um outro aspecto significativo da aula de música na escola, revelado pelos alunos, foi que eles demonstraram estar conscientes de que suas relações com os professores contribuem para seus processos de aprendizagem, tanto no sentido positivo quanto no sentido negativo.

Dando continuidade às investigações com alunos do ensino médio, iniciadas no período do mestrado, a pesquisa de doutorado de Santos (2015) tomou como objeto a situação de aprendizagem desses alunos no contexto das aulas de música. Seus objetivos foram identificar os modos de aprendizagem dos alunos, compreender as maneiras e examinar as razões pelas quais os alunos se mobilizam para as aprendizagens e analisar as aprendizagens desenvolvidas pelos alunos (p. 18). Para tanto, realizou um estudo de caso com uma turma de alunos do ensino médio de uma escola pública de Porto Alegre. Através de uma análise minuciosa das situações de aprendizagem em sala de aula, a autora notou que o que lhe “possibilitava perceber a situação eram as atitudes dos sujeitos” (p. 65). Por isso, elaborou uma teorização, a partir dos dispositivos relacionais de Bernard Charlot, que resultou na criação das categorias de análise MEE (modos de estar espontâneos), MEPO (modos de estar para perceber os outros) e MEDRE (modos de estar para o desenvolvimento da relação epistêmica) (p. 66-67). A análise das situações de aula a partir dessas categorias revelou que:

[...] o Modo de Estar para Perceber os Outros de cada indivíduo na sala de aula é um dispositivo relacional que indica as trajetórias do desenvolvimento das atividades e delinea os momentos da aula. Os sujeitos que entram na sala vêm constituídos pelas suas relações nas três dimensões, e têm estados de relações constituídos que podem ser percebidos e explícitos por meio dos MEE, e, nesse espaço, as dimensões se adaptam, tornando-se microrrelações que, conforme os MEPO, vão traçando os

desenvolvimentos das relações epistêmicas. Os alunos desenvolvem suas relações epistêmicas e, conforme o desenvolvimento das relações consigo, que são internas, e das relações com os outros presentes, consolidam algumas etapas de suas relações epistêmicas, que seguem em desenvolvimento. Foi possível verificar também que nem sempre há a consolidação da relação epistêmica pelos alunos. Seus estados de relação epistêmica estão em fase de desenvolvimento e nem sempre veremos, nas situações em que estamos na sala de aula, a consolidação da relação epistêmica dos alunos com as figuras do aprender que envolvem a música. Talvez ela nem se dê nessa situação. (SANTOS, 2015, p. 258-259)

Sem dúvida, algo que aprendemos com o estudo de Santos (2015) é que seus achados mostram que a aprendizagem em sala de aula não depende exclusivamente das relações que existem entre o aluno e o conhecimento. Existe uma concepção que circula nos meios educacionais, nem sempre fundamentada, que postula que o professor deve ser um agente facilitador do encontro dos alunos com o conhecimento. Santos (2015) não discorda dessa concepção, mas sua investigação ajuda a esclarecer que várias outras relações entram no jogo das aprendizagens que ocorrem em uma sala de aula, incluindo as relações do aluno com o professor e, talvez mais importante, dos alunos entre si, conforme sua ênfase final nos MEPO.

3. Conclusão

As discussões apresentadas nesta revisão de literatura apontam para a necessidade de outras pesquisas que tomem a música no ensino médio como objeto de estudo. Vimos que as pesquisas aproximam-se desse objeto através de enfoques diversos, como o perfil dos professores de Arte e suas práticas pedagógicas, ou as relações da aula de música escolar com as vivências dos jovens em outros contextos musicais, ou ainda as maneiras peculiares pelas quais os jovens aprendem música dentro do contexto da aula que ocorre no ensino médio. Por sua vez, a pesquisa da qual esta revisão de literatura faz parte aborda o currículo das aulas de música do ensino médio integrado, estudando-o na perspectiva da construção cotidiana realizada pelos professores (RIBEIRO, 2017).

Não há dúvida de que estes trabalhos lançam alguma luz sobre a educação musical nesta etapa da escolarização. Ainda assim, consideramos que a educação musical no ensino médio permanece um território em grande medida inexplorado.

Referências:

ARROYO, Margarete. Juventudes, músicas e escolas: análise de pesquisas e indicações para a área de educação musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 17, n. 21, p. 53-66, mar. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2GZU2u4>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

- ARROYO, Margarete (Org.). *Jovens e músicas: um guia bibliográfico*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- CAVALCANTI, Valdir de Sousa; LINS, Abigail Fregni. Musicalizando o currículo: uma proposta de ensino e aprendizagem da matemática. *Espaço do currículo*, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 363-379, mar./set. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/2GrL0Vy>>. Acesso em: 27 abr. 2015.
- DEL-BEN, Luciana. Educação Musical no Ensino Médio: alguns apontamentos. *Música em perspectiva: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Paraná*, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 37-50, mar. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2pTZHKP>>. Acesso em: 14 set. 2014.
- MACHADO, Daniela Dotto. *Competências docentes para a prática pedagógico-musical no ensino fundamental e médio: visão dos professores de música*. 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2pTFd58>>. Acesso em: 21 nov. 2014.
- PAULA, Carlos Alberto de. *A música no ensino médio da escola pública do município de Curitiba: aproximações e proposições conceituais à realidade concreta*. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<https://bit.ly/2GnHujb>>. Acesso em: 27 out. 2014.
- PENNA, Maura. A proposta para Arte dos PCNEM: uma análise crítica. In: _____ (Coord.). *O dito e o feito: política educacional e arte no ensino médio*. João Pessoa: Manufatura, 2003. cap. 2. Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/pesquisarte/publicacoes.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- PENNA, Maura; SANTOS, Claudete Gomes dos. Pensando a sala de aula: práticas pedagógicas em arte no ensino médio. In: PENNA, Maura (Coord.). *O dito e o feito: política educacional e arte no ensino médio*. João Pessoa: Manufatura, 2003. cap. 3. Disponível em: <<http://www.ccta.ufpb.br/pesquisarte/publicacoes.html>>. Acesso em: 20 abr. 2015.
- RIBEIRO, Robson. *Educação musical no ensino médio integrado: um estudo multicaso sobre concepções e práticas curriculares com professores de música de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia*. 2017. 279 f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- ROSSI, Doriane. *Atividades musicais extracurriculares e aulas de artes nas escolas estaduais de ensino médio do município de Curitiba*. 2006. 242 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2J75EMw>>. Acesso em: 03 maio 2015.
- SANTOS, Cristina Bertoni dos. Aula de música e escola: concepções e expectativas de alunos do ensino médio sobre a aula de música da escola. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 20, n. 27, p. 79-92, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://bit.ly/2pYjk3w>>. Acesso em: 26 out. 2014.
- SANTOS, Cristina Bertoni dos. *Alunos de ensino médio e suas aprendizagens na aula de música como componente curricular: um estudo com uma turma do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Porto Alegre/RS*. 2015. 268 f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2E9ODxG>>. Acesso em: 25 out. 2015.
- SOUZA, Jusamara et alii. *O que faz a música na escola?: concepções e vivências de professores do ensino fundamental*. Porto Alegre: Núcleo de Estudos Avançados do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, 2002. (Série Estudos, 6).
- WILLE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 13, n. 13, p. 39-48, set. 2005. Disponível em: <<https://bit.ly/2pTCaJi>>. Acesso em: 21 nov. 2014.